

BEST-SELLER DA AMAZON

FML PEPPER

SE A MORTE NÃO É O FIM,
O QUE VIRÁ DEPOIS?

NÃO FUJA!

LIVRO 3

valentina 

NÃO
FUJA!



BEST-SELLER DA AMAZON

F M L P E P P E R

NÃO FUJA!


valentina
Rio de Janeiro, 2016
1ª Edição

Copyright © 2014 by FML Pepper

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Marina Ávila

FOTO DE CAPA
Irina Simeonova / Trevillion Images

FOTO DE 4ª CAPA
Ysbrandcosijn / Dollar Photo Club

FOTO DA AUTORA
Simone Mascarenhas

DIAGRAMAÇÃO
editorfarte

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P479n

Pepper, FML

Não fuja! / FML Pepper. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
384p. ; 23 cm. (Trilogia Não pare!; 3)

Sequência de: Não olhe!
ISBN 978-85-65859-78-3

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

16-29627

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravaleentina.com.br

P A R A A L E X A N D R E , H O J E E S E M P R E .



“O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas;
havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá.”

I C O R Í N T I O S , 1 3 : 8



CAPÍTULO

1

— Não vou chamar de novo! — advertiu mamãe.
Ah, não! Aquele sonho outra vez?

O maldito sempre surgia nos momentos mais conturbados da minha vida. Antes eu acreditava que era uma forma de defesa, uma tentativa desesperada do meu organismo de me manter mentalmente sã. Hoje mais parecia uma piada de mau gosto, um presente sádico do meu subconsciente.

— Venham antes que a comida esfrie! — Stela começava a perder a paciência.

Venham...

Sim. Havia uma terceira pessoa naquele sonho. Nunca vi seu rosto, mas ainda experimento uma emoção diferente, algo entre o pesar e a felicidade, toda vez que me recordo da assinatura inesquecível plainando no ar, a tatuagem de um botão de rosa esculpido naquela mão grande e

morena. Outra traquinagem que meu subconsciente insistia em me pregar e que, durante anos, gerou desgastantes discussões com minha mãe. Stela afirmava categoricamente que era imaginação da minha fértil cabeça de criança, que nada daquilo existiu. Verdade ou não, não importava mais. Eu já sabia como o sonho acabaria: emburraria a cara porque mamãe me obrigaria a parar de brincar para comer. Em seguida ela ameaçaria me levar ao médico e...

— Vocês dois! Parem com a brincadeira agora e venham comer! — bufou ela, mas não havia insatisfação em seu semblante. Pelo contrário, Stela estava feliz. Havia um brilho nos seus olhos que nunca tive o prazer de presenciar, nem mesmo em nossos melhores momentos.

— Mas ainda nem acabamos o castelo! — resmunguei de volta. Eu estava em um dos playgrounds do Central Park, as pernas miúdas afundadas num tanque de areia. Devia ser um domingo de primavera pois o céu estava muito azul e luminoso, as flores tinham cores fortes e as folhagens exibiam o verde exuberante da vida em seu esplendor. O lugar vibrava lotado de crianças brincando, jovens namorando, pessoas praticando exercícios, outras lendo livros sob a copa das árvores e famílias fazendo piqueniques.

— Nina, você quer ficar doente?

Emburrei a cara.

Confere.

— Quer ir para o médico outra vez?

Confere.

— Venha comer e depois você acaba de construir o seu castelo de areia — acrescentou ela.

Confere.

Em seguida mamãe apontaria para a travessa cheia de biscoitos amanteigados sobre a toalha xadrez vermelha e branca, e o sonho se desintegraria em mil pedaços. *Três, dois, um...*

— Depois continuaremos, Pequenina — uma voz masculina dirigiu-se a mim com candura.

Congelei.



Como assim? O sonho nunca foi até aquela parte! Que droga de brincadeira do meu subconsciente era essa agora?

— Assim que acabarmos de comer vou encontrar uma flor bem bonita para a torre do nosso castelo, tá? — acrescentou a voz masculina. — Será o castelo mais bonito do mundo!

— De todo o mundo? — perguntei empolgadíssima.

— De todos os mundos! — afirmou ele.

Aquela voz... Ela nunca havia se dirigido a mim antes!

Eu queria dar um *pause*, precisava processar a voz em minha mente, vasculhar a memória à procura de pistas, mas o sonho prosseguia num ritmo acelerado e me pegou desprevenida. Minha visão, neste momento, se limitava às minhas mãozinhas segurando uma pazinha de brinquedo e um baldinho de plástico rosa transbordando areia. Ainda assim, o suficiente para fazer todo o meu corpo arrepiar e meu coração entrar num compasso desritmado.

— Deixa só mais um pouquinho, papai — minha voz infantil pediu de maneira melosa. — Por favor...

Papai?!?

Minha boca despencou, o raciocínio se liquefez e me vi atordoadada. *Acorda, Nina!*, obriguei-me a despertar daquele transe sem sentido, sair daquela cilada bem bolada que minha mente havia inventado para não sucumbir ao pânico, fugir do labirinto de emoções perturbadoras. Nada daquilo fazia sentido. Nada daquilo havia acontecido. Nada daquilo era verdade. Nada...

— Sua mãe está chamando e ela tem razão. Você ainda não comeu hoje. Vai ficar fraquinha. Você não disse que queria ser forte? — continuava a voz masculina. Ela era grave, mas ao mesmo tempo gentil, muito gentil. Novo calafrio. Eu a conhecia de algum lugar... Aquilo não era fruto da minha imaginação! Era uma recordação do meu passado! Uma lembrança de um momento que realmente havia acontecido!

Droga. Eu tinha que visualizar. Eu precisava conhecer meu pai!

— Sim, papai. Eu quero ser forte que nem você — respondi animada, mas meus estúpidos olhos continuavam a focar o punhado

de areia aprisionado em minhas mãozinhas. Comecei a ficar desesperada e com vontade de estrangular o meu eu onírico. A pequena Nina precisava levantar a cabeça e olhar para aquele homem, tinha que conhecer meu pai antes que aquela rara recordação se desintegrasse em milhares de pedaços e fosse varrida novamente para as profundezas da minha memória. Entrei em desespero ao imaginar que aquilo poderia acontecer a qualquer instante.

A voz soltou uma gargalhada de satisfação e, em seguida, senti meu corpo ser levantado com absurda facilidade e rodopiado no ar. O verde das folhagens entremeado ao marrom das árvores e o azul do céu cercavam-me num borrão de felicidade. Minhas pequeninas pernas flutuavam no ar. *Quantos anos eu tinha? Quatro?*

— Não me solta, papai! — pedi com o coração acelerado.

— Nunca, Pequenina. Nunca. — Senti seus braços enormes me envolverem num abraço quente e aconchegante, abraço de pai. O homem do sonho tornou a me colocar no chão, acomodando-me cuidadosamente sobre a toalha xadrez. A sensação de um toque úmido e delicado em minha testa fez a emoção em meu peito transbordar: um beijo.

Droga, Nina! Olha para ele, sua tonta!

— Aonde você vai? — perguntou mamãe para o homem assim que o viu começar a se afastar de nós. Eu ainda consegui visualizar seus pés pisoteando a grama bem aparada onde eu havia largado meus brinquedos.

— Vou ali ver se acho um botão de rosa branca para colocar no nosso castelo.

Que ódio, Nina! Olha logo para ele, sua...

Então, subitamente, minha cabeça infantil mudou o ângulo de inclinação e olhei para ele. Pisquei várias vezes antes de presenciar meu mundo girar de emoção e... ruir. Senti meu coração ser triturado e transformado em pó dentro do peito.

Era o homem da foto! O que abraçava com ternura a mim e Stela.

E agora também entendia o brilho nos olhos da mamãe. Papai era uma figura hipnotizante: na casa dos trinta anos de idade, ele era alto, musculoso e belíssimo. Seus traços marcantes conseguiam destacar ainda mais o azul dos olhos em sua pele morena. Eu olhei



para mamãe e vi uma mulher pequena e muito atraente, o corpo bem-feito e cheio de curvas, volumosos cabelos negros e vívidos olhos da mesma cor. Como uma telespectadora do próprio sonho, comparei minha pele pálida com a dos dois, meu corpo longilíneo e meus cabelos castanhos alourados. Afundei o rosto nas mãos e fui tomada por nova dor. *Eu não era filha deles! Aquele homem não era meu pai!* E se... Por um instante cheguei a questionar se Stela seria também a minha mãe, mas rechacei essa ideia sombria da cabeça. *Claro que era!*

— Vá depois — mamãe pediu a ele. — Primeiro coma uma fatia do bolo, amor.

— Bolo de laranja com coco? Você fez pra mim? — O homem que se dizia meu pai estancou o passo, abriu um sorriso estonteante de tão perfeito e lançou uma piscadela. *Uau! Ele era lindo!*

Mamãe retribuiu com um sorriso sedutor que eu nunca tive a chance de presenciar. Ela não tinha os traços tão bonitos quanto os dele, mas havia uma aura de encanto, uma energia pulsante ao redor do seu corpo que parecia sugar qualquer um para seu campo gravitacional, quase um ímã. E o olhar apaixonado de papai confirmava o que eu acabava de visualizar. Olhar vidrado. Olhar de entrega. Olhar de amor. No instante seguinte ele caminhava em nossa direção e abaixava-se ao encontro dela. Seus faiscantes olhos azuis piscavam dentro dos negros de mamãe, o sorriso afetuoso estampado em seu rosto.

— Você nunca se esquece, Pequena — sussurrou ele, acariciando o rosto de Stela.

Pequena?

— Como poderia? — Ela abriu um sorriso de cumplicidade. — Há anos não faço outro. Não sei como você não enjoa.

Sem deixar de sorrir, papai franziu a testa e meneou a cabeça.

— Meus gostos são definitivos. — Ele a encarou com profundidade. Parecia querer dizer algo mais com aquelas palavras.

— Eu sei. — Sem conseguir disfarçar a felicidade estampada em sua face, Stela mordiscou o lábio e o puxou pela gola da camisa para

bem junto de si. — Se você quiser, eu posso fazer muitas outras coisas para você. Muitas mesmo!

Papai parecia ser um sujeito envergonhado, pois, apesar de demonstrar evidente satisfação com aquele gesto, arregalou os olhos e se esquivou do beijo apaixonado de mamãe.

— Opa! — gargalhou ele, abraçando-a repentinamente com força. — Alguém está sem noção do perigo por aqui!

Mamãe se afundou no abraço dele e começou a rir com vontade. Ingênua e feliz, me joguei no meio dos dois.

— Peraí, mocinha! O que é isso? — Papai brincava, imitando os trejeitos do vilão de um desenho animado a que eu costumava assistir. — Um exército contra mim? Pequena e Pequenina unindo forças? Não sei se conseguirei suportar. Não tenho poderes mágicos para lutar contra as duas ao mesmo tempo! — retrucou gargalhando enquanto se defendia de meus infantis golpes de caratê e nos envolvia com seus braços enormes.

Assistindo à cena de longe, senti uma lágrima rolar por minha bochecha e um nó de emoção se formar em minha garganta. Minha mãe havia sido feliz um dia. A frase de Richard reverberava em minha mente e me angustiava a alma: *“Desde o momento em que você foi concebida, a vida daquela mulher acabou. Ela vivia só para manter você viva.”*

De repente uma solicitação intrusa e um movimento brusco em resposta. Mais rápido que um raio, papai desvencilhou-se de mim e da mamãe, deu um salto incrível e avançou como um felino para cima de um desconhecido. Quando dei por mim, ele já suspendia o sujeito no ar. Seu semblante feliz havia desaparecido e se transformado no de um animal em sua extrema fúria.

— Calma, moço! — implorou o sujeito que oferecia seus serviços de fotografia. Preso pelo pescoço, papai o mantinha suspenso no ar com uma facilidade assustadora. O homem remexia as pernas e seu rosto vermelho dava sinais de sufocamento. — M-me solta!

— Solta ele! — mamãe pediu apavorada, intercedendo em favor do pobre coitado. Papai parecia transtornado e mantinha os olhos cerrados durante todo o tempo. — Você vai matar o homem! — implorava ela, mas papai estava irredutível.



— O que é isso?!? — Papai reabriu minimamente os olhos e, com violência, arrancou a câmera mega-antiquada para inspeção. — Como se aproximou tão rápido?

— É só uma máquina fotográfica, moço! — O retratista gemia. — E eu não me aproximei tão rápido assim. Vocês é que estavam distraídos.

— Nada de fotos! Maldição! Como me deixei ser pego de surpresa assim? — Papai parecia inconformado e apertava ainda mais o pescoço do homem.

— M-me larga, moç...

— Solta! Você não pode fazer isso com todo mundo que se aproximar de nós! — Mamãe gritava agora. — Será que não percebe? Por sua causa estou ficando cheia de neuras, com medo da minha própria sombra!

— Por minha causa? — murmurou papai e, após balançar a cabeça, finalmente soltou o infeliz.

— Cristo! — reclamou o sujeito esfregando o pescoço assim que conseguiu tragar uma golfada de ar. — Você é louco?

— Vá embora, por favor — pediu mamãe enquanto fitava papai com severidade.

— A senhora não quer ficar com ela? — O sujeito não devia bater bem das faculdades mentais. Ainda tinha a audácia de tentar vender a fotografia em meio àquela confusão?

Sorri intimamente. *Mamãe dera um jeito de reaver a nossa fotografia!*

— Vá embora! — rugiu ela para o fotógrafo antes de se voltar para o meu pai: — Você está ficando paranoico e não pode fazer isso conosco também!

— Tudo que eu faço é para protegê-las, você sabe. — A voz dele saiu rouca.

— Eu sei. — Mamãe olhou para mim e liberou um suspiro. — Mas está passando dos limites.

— Não existem limites para os meus, Stela. Qualquer cuidado é pouco e vocês duas são preciosas demais para mim. Não posso sequer imaginar perdê-las.

— Você não vai nos perder. Está exagerando como sempre — murmurou ela com o semblante pesaroso e, após estudar papai por um instante, perguntou: — O que você está escondendo de mim?

— Sou tão óbvio assim?

Mamãe era esperta.

— O herdeiro de Windston...

Herdeiro de Windston? Ele estava falando sobre Dale, meu suposto pai?

— O que tem ele?

— Perdi o rastro.

A cor foi varrida do rosto de mamãe.

— Há quanto tempo? — balbuciou ela, vindo em minha direção. Stela queria bancar a durona, mas senti suas mãos tremerem ao me colocar no colo.

— Quatro dias. — Os ombros de papai se curvaram. — Não quis te preocupar.

O Central Park perdeu o som, e era possível tocar o silêncio aterrador que nos envolvia.

— Eu não estou preocupada — afirmou mamãe sem encará-lo. — Ele não nos faria mal e me sinto segura aqui.

— Nenhum lugar é seguro enquanto eu não recuperar as pegadas dele, Stela — rebateu papai de maneira rude. Seus olhos azuis chegaram a queimar. — Para de se enganar! Não enxerga que Dale enlouqueceu?

— Para *você* de me deixar neurótica! — retrucou mamãe super-nervosa. — Ele não vai fazer nenhum mal a Nina!

— Dale pode fazer qualquer coisa, Stela! Ele enlouqueceu!

— Céus! Ele não é como você diz, afinal ele é o pai dela e...

— *Eu* sou o pai dela! — ele a interrompeu. Havia uma pitada de amargura em sua voz.

Mamãe fechou os olhos com força e, em seguida, abriu um sorriso triste.

— Claro, meu amor. Você é o melhor pai que Nina poderia ter, Ismael.

Ismael!?!?



— E a flor do meu castelo, papai? — inquiri de repente, pulando do colo da mamãe e me jogando nos musculosos braços do homem a quem eu chamava de pai.

— Vou buscar agora mesmo, Pequenina. Agora mesmo — murmurou gentil, dando um beijo delicado em minha bochecha e me abraçando com vontade. O abraço foi tão real, que meu peito estufou, como se eu pudesse sentir na pele o bem-estar que ele me proporcionava.

Se Dale era mesmo o meu pai, então quem era aquele homem?

Quem era Ismael?